



***Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu: uma leitura plural das identidades dos protagonistas**

Carmelinda Carla Carvalho e Silva (UESPI)¹
carmelinda.sig7@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir a construção da identidade dos personagens homossexuais dos contos do livro *Morangos Mofados* (1982), de Caio Fernando Abreu, propondo uma visão sobre as identidades antes consideradas fixas e então fragmentadas através do comportamento dos personagens dentro da narrativa. Utilizou-se estudos teóricos e críticos presentes em dissertações de mestrados e teses de doutorados, auxiliaram-nos nessa caminhada, além das teorias de Bataille (1987), Costa (2008), Freud (1989), Foucault (1985), Giddens (1996), Hall (2004), Silva (2012) Souza (2010) e Trevisan (1992). A partir dos postulados de Hall, procurou-se compreender como são construídas e fragmentadas as identidades que os sujeitos assumem e como se classificam cada uma delas, em seguida, passou-se à análise dos três contos selecionados, traçando-se um paralelo entre os apontamentos de Hall (1992) e os personagens de Caio Fernando Abreu, em *Morangos Mofados* (1982). Chegou-se à constatação de que os personagens dos contos investigados esboçam as características típicas do sujeito pós-moderno, que está em constante mudança, portanto, em conflito. Em alguns desses contos, há personagens que se apresentam aparentemente como sujeitos centrados, com características que os enquadram como sendo donos de si, decididos sobre o que desejam, mas, logo se desenrola a narrativa, estabelece-se o conflito.

Palavras-chave: *Morangos Mofados*; Identidade; Homoerotismo; Fragmentação.

Abstract: This work aims to discuss the construction of the identity of homosexual characters in the tales of the book *Morangos Mofados* (1982), by Caio Fernando Abreu, proposing a vision of the identities previously considered fixed and then fragmented through the behavior of the characters within the narrative. Theoretical and critical studies present in master's dissertations and doctoral theses were used, which helped us along this path, in addition to the theories of Bataille (1987), Costa (2008), Freud (1989), Foucault (1985), Giddens (1996 []), Hall (2004), Silva (2012) Souza (2010) and Trevisan (1992). Based on Hall's postulates, an attempt was made to understand how the identities that the subjects assume are constructed and fragmented and how each of them is classified. Then, the three selected short stories were analyzed, drawing a parallel between the notes by Hall (1992) and the characters of Caio Fernando Abreu, in *Morangos Mofados* (1982). It was found that the characters of the investigated stories outline the typical characteristics of the postmodern subject, which is in constant change, therefore, in conflict. In some of these stories, there are characters who appear to be centered subjects, with characteristics that frame them as being their own owners, decided on what they want, but, as soon as the narrative unfolds, the conflict is established.

Keywords: Moldy Strawberries; Identity; homoeroticism; Fragmentation.

¹ Mestra em Literatura, Memória e Cultura pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).



Introdução

Este trabalho possui como objetivo principal, analisar os elementos constitutivos da identidade homoerótica dos personagens dos contos de Caio Fernando Abreu, mais precisamente do livro *Morangos Mofados* (1982). Não se trata de uma temática corriqueira nos meios acadêmicos, mas depois do advento dos estudos culturais e de identidade passou a constar nas universidades e em periódicos sérios. Embora tenhamos um bom número de autores da literatura brasileira que versa sobre o homoerotismo, é somente a partir do século XX que ele surge de modo mais aberto entre literatos e leitores. Por essa razão, esse trabalho se justifica por contribuir com essa discussão tão nova e tão esparsa.

Metodologia

Aqui trataremos de mostrar como é construída a identidade dos sujeitos homoeróticos dos contos *Além do ponto*, *Terça-feira gorda* e *Sargento Garcia*, do autor Caio Fernando Abreu, elucidando como Hall (1992) que estuda construção da identidade dos sujeitos, dividindo-as em três categorias: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Em seguida traçaremos um paralelo entre essas concepções e os personagens dos contos, expondo como essas identidades se fragmentam por meio do comportamento dos personagens dentro da narrativa.

Referencial teórico

Dentro de seus estudos, Stuart Hall (1992) analisa a crise da pós-modernidade, tomando como centrais as mudanças estruturais que fragmentam/desconstroem as identidades culturais de classe, gênero, raça, etnia e nacionalidade. O processo de transformação dá-se devido às mudanças que vêm ocorrendo e nos levando a questionar como e em que a própria modernidade está sendo transformada.

Com isso, Hall (1992) distingue três concepções de abordagem dessas identidades no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, que trabalha de forma profunda a crise de identidade nos sujeitos. Nesta obra o autor indica uma mudança vagarosa das identidades dos sujeitos, confrontado a sociedade moderna com o avanço das sociedades tardias.



A individualidade do sujeito vai sendo construída de acordo com a evolução de sua consciência. Aos poucos essa identidade se firma no indivíduo e torna-se uma característica que o particulariza. Hall (1992) nos fala sobre isso, mostrando também que o tempo se encarrega de solidificar tais identidades e que:

Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo formada. [...] A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (Hall, 1992, p. 10).

Ao classificar as identidades pertencentes ao indivíduo, Hall indica a primeira concepção discutida em sua obra, a de *Sujeito do Iluminismo*, que está baseada em uma concepção de um ser humano inteiramente centralizado, com o interior sólido e possuidor de razões, onde o interior é o seu núcleo que aflora no nascimento e continua o mesmo por toda sua existência, tornando a personalidade do *eu*, sua identidade fixa, que “surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas também de uma falta de inteireza” (HALL, 1992, p.10). Dessa forma o sujeito permanecia o mesmo ao longo da vida, sem alterações na construção do seu interior. Para ele:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — continuo ou "idêntico" a ele — ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (HALL, 1992, p. 12).

Na segunda categoria, Hall (1992) evidencia o *Sujeito Sociológico*, que reflete a variedade do mundo moderno e a consciência que ele não é independente e detentor de todos os conhecimentos sobre o meio externo, mas formado pela interação com o mundo social, que se refere aos sujeitos que agregam intimidade nos ciclos de vida e que representam relevância para aquele indivíduo.

Por fim, o *Sujeito Pós Moderno* definido como um sujeito que passa por uma transformação contínua, devido às formas como são representadas as identidades nos



sistemas culturais, onde o sujeito possui identidades diferentes em distintos momentos. Para esclarecer acerca disso, lembra Hall (1992, p. 107):

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco”

– uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance*. Ela obedece à lógica do mais-que-um.

Hall (1992, p. 108) afirma também que os sujeitos estão constantemente em conflito e dúvida que os colocam sempre na indecisão de como se comportarem diante de determinadas situações. Apresentam-se contraditoriamente dependendo do momento em que estão vivendo. E então, a identidade antes considerada fixa, vai sofrendo tais alterações:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 1992, p. 108).

Tais processos ocorrem, segundo Hall, por conta das mudanças que se irradiam na elaboração da identidade do sujeito, que antes buscava sua identidade nas tradições culturais, na era moderna, o que deixa de acontecer na pós-modernidade, trazendo com isso os conflitos pertinentes a um período diferente daquele em que o sujeito buscava a identidade no meio social.

A ruptura da concepção de identidade como essência do sujeito abalou o pensamento da era moderna. Em um capítulo do seu livro, Hall aborda o “Nascimento e morte do sujeito moderno”, notabilizando como o indivíduo focado na modernidade constrói uma nova identidade. Nesta explanação, Hall (1992) explora os cinco momentos principais dessa transformação:

Um outro aspecto desta questão da identidade está relacionado ao caráter da mudança na modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança conhecido como "globalização" e seu impacto sobre a identidade cultural.



Em essência, o argumento é que a mudança na modernidade tardia tem um caráter muito específico [...] (HALL, 1992, p. 108).

Surge então a crise de identidade, derivada de um processo contínuo de mudanças, que está movendo e desfragmentando as estruturas e desenvolvimentos das então sociedades modernas, impulsionando o eixo de equilíbrio do indivíduo no mundo social, antes era central, para uma desordem.

Compreendido como são construídas e fragmentadas as identidades que os sujeitos assumem e como se classificam cada uma delas, passaremos ao item seguinte, em que se realiza a análise dos três contos selecionados e que traça um paralelo entre os apontamentos de Hall (1992) e os personagens de Caio Fernando Abreu, em *Morangos Mofados* (1982).

Resultados e discussões

Relacionar a identidade homoerótica exclusivamente ao gênero seria defini-la apenas como um item cultural. Evidentemente essa identidade está associada aos caracteres pertencentes aos indivíduos assim considerados, todavia, ela se faz com partes integrantes, tais como os traços peculiares e interferências do meio externo. Desse modo, todo indivíduo possui e assume obrigatoriamente uma identidade.

No caso dos sujeitos homossexuais, essa identidade é parte fundamental no processo de aceitação da orientação sexual a que pertencem. Costa (1992) revela que a identidade faz relação a tudo que constitua o eu do sujeito e no caso da identidade homoerótica, o sujeito está automaticamente ligado a essa peculiaridade.

O quinto conto da primeira parte de *Morangos Mofados* chama-se *Além do ponto* aborda as dificuldades encontradas por um personagem durante o trajeto até o apartamento de outro indivíduo que o aguarda. Narrado em primeira pessoa, o conto explora a ansiedade vivenciada pelo protagonista, um homem, ao ir ao encontro marcado com um indivíduo também do sexo masculino.

Cercado de obstáculos inicia-se o caminho descrito pelo narrador, que cria um cenário imaginário, envolvente e sensual, cheio de desejos e ideias para o encontro:

Chovia, chovia, chovia e eu ia indo por dentro da chuva ao encontro dele, sem guarda-chuva nem nada [...] e eu pensei com força então que seria



melhor chegar molhado da chuva, porque aí beberíamos o conhaque [...] fumaríamos, beberíamos sem medidas, haveria música e o olho dele posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos. (ABREU, 2005, p. 45).

No entanto, o protagonista se decepciona, uma vez que o tal encontro e as possíveis fantasias não se realizam, pois o homem que o aguardava não abre a porta:

[...] eu continuava batendo e continuava chovendo sem parar, mas eu não ia indo por dentro da chuva, pelo meio da cidade [...] nem tentava outra coisa, outra ação, outro gesto além de continuar batendo batendo batendo batendo batendo batendo batendo batendo nesta porta que não abre nunca. (ABREU, 2005, p. 48).

Como o próprio título remete, *Além do ponto* produz algo que passa do limite. Isso é notável na ansiedade vivenciada pelo personagem principal. O personagem vai, enquanto caminha para o tal encontro, fazendo uma reflexão da própria vida, descobrindo o seu eu e sua visão do mundo. Vai construindo, através dessa descoberta, sua identidade.

O companheiro que o aguarda, de acordo com o protagonista, é a referência que ele tem. Segundo Costa (1996, p. 67), “o referente ou referentes da identidade homossexual não podem existir sem uma relação entre o gênero com que se relaciona”, ou seja, um indivíduo masculino busca uma referência em outro do mesmo gênero para assim firmar-se como homossexual.”

Como afirmamos antes, o desejo é essencial em uma relação, seja ela homossexual ou não, mas de um modo particular, na relação entre dois indivíduos do sexo masculino, esse desejo, segundo Freud (1973, p. 60) está associado ao desejo sexual feminino, ou seja, o possuidor de um desejo sexual feminino terá fantasias sexuais que estejam relacionadas às características femininas, onde um dos indivíduos desempenhará o papel da mulher no ato sexual, seja por meio da forma como consumarão a penetração ou através de gestos e palavras diante da prática libertina.

No conto *Além do ponto* isso não é apresentado. O narrador personagem e o seu companheiro não esboçam características afeminadas. Isso talvez não ocorra pelo fato de Caio Fernando Abreu não ter elaborado os personagens com a identidade gay marcada



necessariamente nos modos como se comportam, mas simplesmente pelo desejo por uma pessoa do mesmo sexo. Isto contraria o pensamento de Souza (2010, p. 17), ao afirmar que “gay não é necessariamente aquele que deseja uma pessoa do mesmo sexo, mas aquele que tem um estilo de vida diferente [...] de ver e viver a vida”.

A atração que o personagem sentia naquele determinado momento é tão forte que ele chega a inventar o desejo do outro por ele. De modo que o que move o personagem principal é o desejo, esse *ponto* como o próprio título fala, é ultrapassado justamente por esse exagero de expectativas quanto ao encontro dos dois, afligindo a identidade do personagem:

[...] porque ele me esperava, ele me chamava, eu só ia indo porque ele me chamava, eu me atrevia, eu ia além daquele ponto de estar parado (...) eu ia daquele jeito estranho de já ter estado lá sem nunca ter, hesitava, mas ia indo, no meio da cidade com um invisível fio saindo da cabeça dele até a minha. (ABREU, 2005, p. 46-47).

A fragmentação da identidade nesse personagem é inegavelmente percebida quando ele, que até então parecia conhecer o companheiro, mostra que nem seu nome sabe. Que caminha rumo ao desconhecido, a um encontro com um estranho que o aguarda para executarem o coito sexual.

A necessidade de respostas, de descobertas acerca do eu, fazem o protagonista ficar perdido e decepcionado ao descobrir que a pessoa com quem tanto sonhou não existe ou simplesmente não possui o mesmo desejo que ele. Ao chegar ao apartamento completamente molhado e cheirando a conhaque, ele bate insistentemente à porta que não se abre:

E bati, e bati outra vez, e tornei a bater, e continuei batendo sem me importar com que as pessoas da rua parassem para me olhar, eu quis chamá-lo, mas tinha esquecido seu nome, se é que alguma vez o soube, se é que ele o teve um dia. (ABREU, 2005, p. 48).

Finalmente o narrador parece acordar do mundo de fantasias que criou e admite que possa ter se enganado. Que não havia um homem à sua espera e que tudo não passou de uma loucura criada pelo desejo sexual que estava sentindo naquele momento.



O conto se encerra justamente nessa ocasião, deixando o leitor frente a frente com uma narração possivelmente conhecida por todos nós ao nos acharmos diante do desejo pelo outro. Criamos muitas expectativas, toda uma fantasia íntima e que, muitas vezes, acabamos por nos decepcionar.

A fragmentação da identidade do eu ocorre, neste conto, através do comportamento que o indivíduo apresenta. O personagem de *Além do ponto* expõe comportamentos que ora pertencem ao desejo de vivenciar uma relação com outro indivíduo do sexo masculino, ora descobre que não existe essa pessoa, que se encontra completamente sozinho. Tal comportamento, conforme Costa (1992) é fundamentalmente parte do eu:

[...] é um termo genérico que designa tudo aquilo que o sujeito experimenta e descreve como sendo ou fazendo parte do eu. Portanto, o comportamento é parte do eu, mas o eu é mais que o comportamento. No caso da identidade homossexual, além do comportamento entendido ou não como conduta intencional voltada para objetivos, existe um outro elemento, o desejo ou atração homoerótica.” (COSTA, 1992, p 153).

A identidade fixa está associada diretamente ao comportamento, ou seja, conforme os sujeitos homossexuais moldam a sua conduta perante a sociedade, pode haver uma descentralização da identidade antes possuída, apontando traços que tornam os desejos mais visíveis nas relações mais diversas: desejos exacerbados, com vontade de explodir tudo o que sentem e vivenciam em determinado momento.

Terça-feira gorda, conto também pertencente à primeira parte de *Morangos Mofados*, *O mofo*, narra um encontro de um casal gay e o comportamento da sociedade diante dessa relação, exposta em um local público, uma festa de carnaval.

É um conto que trabalha de forma explícita o desejo entre dois homens, identificados pelo narrador, em primeira pessoa, como sendo *eu* e *ele*. O descreve de maneira rica o encontro com seu parceiro, ao mesmo tempo, nos mostra como os dois são recriminados pelos que ali se encontravam. Embora o conto tenha um desfecho triste, retrata o que na maioria das vezes acontece com indivíduos homossexuais que expressam qualquer tipo de sentimento frente à sociedade. A narrativa expõe também o prazer de ambos ao se encontrarem, como podemos verificar no fragmento seguinte:



De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodca com coca-cola, uísque nacional, gostos que eu nem identificava mais, passando de mão em mão dentro dos copos de plástico. (ABREU, 2005, p. 57).

Dos contos aqui analisados, esse é o que mostra identidades mais sólidas, personagens que sabem e aceitam a orientação sexual que possuem, não encontrando nisso nenhum empecilho para viver uma relação afetiva. Ao contrário, expõem-se e pagam o preço diante dos outros por essa exposição.

Eu estava todo suado. Todos estavam suados, mas eu não via mais ninguém além dele. Eu já o tinha o visto antes, não ali. [...] Havia o movimento, dança, o suor, os corpos meu e dele se aproximando mornos, sem querer mais nada além daquele chegar mais perto. (ABREU, 2005, p. 56).

É perceptível que o envolvimento entre os dois é descrito de uma forma mais erótica e menos sexual. Por mais que sentissem atração e desejo enquanto sambavam em uma roda, não deixavam esse desejo transparecer de modo tão explícito. Falam das sensações que vivenciaram olhando um para o outro, dos desejos, como vemos a seguir:

Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. [...] Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. (ABREU, 2005, p. 57).

Há, nitidamente, um processo de sedução na cena dos dois, e não simplesmente um desejo animal por sexo. Nota-se todo um processo erótico de conquista e sedução no encontro dos dois, quebrando também o tabu da animalidade na relação entre dois homens.

Por outro lado, Souza (2010) nos esclarece que há indivíduos masculinos que, em um relacionamento com outro do mesmo sexo, assumem o papel da mulher. Nesses casos, as expressões utilizadas para fazer referência a esses sujeitos são, na maioria das vezes, termos pejorativos tais como: *bicha*, *veado*, *baitola*, tudo que evidencie um homem fragmentado que assume a condição feminina para compor a identidade.



Em *Terça-feira gorda* esse tipo de denominação não existe. Os personagens não se deixam envolver pelas influências externas do meio, isso é encontrado tanto na não utilização dos traços femininos em seus comportamentos, bem como, no fato de não demonstrarem preocupação com o que as pessoas ali presentes pensam ou não a respeito do que estão vivendo, como se pode ver no trecho abaixo:

Na minha frente ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já neste momento imediato, quero aqui [...]. (ABREU, 2005, p. 57).

Os personagens do conto em análise podem muito bem estar no âmbito daquilo que Hall (1992) chamou de sujeito pós-moderno, pois sentem-se livres para viver a atração mútua, demonstrando que eles não comungam das ideias gerais da sociedade acerca da relação afetiva, que a concebe como normal apenas para heterossexuais.

Mais adiante há a cena em que trocam beijos e carícias, de forma explícita. O personagem nos conta da comparação que fazem entre o beijo e a fruta:

Entreaberta, a boca dele veio se aproximando da minha. Parecia um figo maduro quando a gente faz com a ponta da faca uma cruz na extremidade mais arredondada e rasga devagar a polpa revelando o interior rosado cheio de grãos. Você sabia, eu falei, que o figo não é uma fruta, mas uma flor que abre para dentro (ABREU, 2005, p. 57).

O desfecho do conto é contrário à expectativa do leitor. Os dois resolvem sair da festa e vão em busca de um local mais tranquilo onde possam conversar e ficar mais à vontade. O lugar escolhido é a praia, onde já, em meados da noite, caminham em busca de sentirem o que mais há de prazeroso entre eles. Entretanto, um grupo de pessoas aparece no momento em que já estavam nus.

O terceiro e último conto aqui examinado, *Sargento Garcia*, pertence à parte da obra chamada *Os morangos*. Dentre os contos explorados, esse é o que exterioriza o homossexualismo de forma mais ostensiva, mais clara, mais explícita. Através da narrativa e



da descrição dos atos eróticos das personagens, o conto apresenta a relação sexual entre dois homens, deixando o leitor consciente de tudo que acontece nesse contato afetivo e erótico.

Também é nesse conto em que a identidade dos personagens é trabalhada de forma transparente. O interesse homossexual é tratado de modo crítico, como se o narrador estivesse fazendo uma crítica sobre a posição de masculinidade com a qual se comportam os jovens que servem o exército, uma vez que a narração revela a primeira experiência sexual de Hermes, jovem pertencente a um grupo que se alista no serviço militar, e que tem como chefe o sargento Garcia.

Garcia, então sargento do exército, surge na narrativa como o oposto do machão que serve à pátria. É ele, aliás, quem inicia Hermes na vida homossexual. Isso já é perceptível nas primeiras linhas do conto, quando o narrador personagem Hermes nos mostra que observa o sargento e a forma como ele o provoca. Durante todo o conto, Hermes se mostra consciente do interesse de Garcia por ele, escolhido no meio de um grupo de adolescentes.

No primeiro contato do leitor com o conto, o personagem já é apresentado como narrador e, portanto, do sexo masculino. Hermes lembra que “Aos outros olhava nus, como eu” (ABREU, 2005, p. 79). O personagem descreve o momento em que o sargento Garcia fazia a inspeção dos jovens alistados para o serviço no exército. Hermes fala da apresentação dos jovens ao superior, todos em um pátio, nus e Garcia, o sargento o chama com curiosidade a fim de saber a quem pertencia aquele nome:

Hermes.
Eu chamei Hermes. Quem é essa lorpa?
Sou eu.
Sou eu, meu sargento. Repita. (ABREU, 2005, p. 79).

Mostrando-se superior e digno de todo respeito, Garcia faz pressão nos jovens, e não por um acaso, escolhe coagir principalmente o tímido Hermes, que via na figura do Sargento, um homem insuportável. Analisava detidamente os seus traços:

Parecia divertido, o olho verde frio de cobra quase oculto sob as sobranceiras unidas em ângulo agudo sobre o nariz. Começava a odiar aquele bigode grosso como um manduruvá cabeludo rastejando AM volta da



boca, cortina de veludo negro entreaberta sobre os lábios molhados. (ABREU, 2005, p. 80).

Garcia provoca Hermes com perguntas que fazem o rapaz sentir ainda mais receio do sargento. “Tem cera nos ouvidos, pamonha?” (ABREU, 2005, p. 80) e quando Hermes o responde que “Não, meu sargento” (ABREU, 2005, p. 80), o Sargento pergunta indiretamente se o jovem ainda é virgem “E no rabo?” (ABREU, 2005, p. 80). Entendendo do que falava o sargento, Hermes não esboçou nenhuma reação a não ser permanecer em silêncio enquanto os outros rapazes riam demasiadamente.

Era notório em Garcia o desejo homoerótico de transar com Hermes sem que houvesse sentimento algum ou a menos a possibilidade de existir futuramente. Nesse caso, podemos associá-lo ao posicionamento acerca da identidade como sendo formada tão somente pelo desejo de vivenciar o ato sexual, como lembra Souza (2010):

[...] o desejo homoerótico é o ‘impulso’ ou força de atração que faz com que um indivíduo de um sexo sinta a ‘necessidade’ de unir-se a outro do mesmo sexo, podendo ser essa união apenas afetiva, apenas sexual, ou mesmo afetivo-sexual. (SOUZA, 2010, p. 53).

Em conformidade com Souza (2010, p. 55) “por um lado, a identidade gay está sendo defendida ou rejeitada e, de outro, há uma especificidade centrada no desejo homoerótico”. Ou seja, esse desejo faz com que o personagem Garcia sintasse atraído pelo jovem Hermes, e queira vivenciar a prática sexual, transar e satisfazer sua fantasia com o rapaz. Isso faz dele um sujeito em conflito, pós-moderno, fragmentado, como nos diz Hall (1992): é o macho do exército que sente atração por um garoto e consome o ato sexual.

Após ser dispensado por Garcia, Hermes veste-se e então sai do quartel em direção ao bonde que o levaria a sua casa. Não surpreso, mas disfarçando tal reação, Garcia surge em seu carro e em um pequeno diálogo convence Hermes a aceitar sua carona.

Vai pra cidade?

Como se estivesse surpreso, espiei pra dentro. Ele estava debruçado na janela, o sol iluminando o meio sorriso, fazendo brilhar o remendo dourado do canino esquerdo.

Quer carona?

Vou tomar o bonde logo ali na Azenha.



Te deixo lá – disse. E abriu a porta do carro. (ABREU, 2005, p. 85).

Já dentro do carro, Hermes vê o sargento fumando e pede-lhe um cigarro, mesmo sem nunca ter fumado. “Me dá um cigarro – pedi. Ele acendeu. Tossi.” (ABREU, 2005, p. 88). Hermes tenta adequar-se àquele ambiente, o espaço do sargento, adquirindo característica do sujeito sociológico que observa o outro deixa-se influenciar pelo outro e pelo meio.

Durante o trajeto, que até então seria para a casa de Hermes, o sargento se mostra menos duro, deixando o garoto mais à vontade. Conversam sobre o quartel, a vida fora daquele ambiente: “Não parecia mais um leão, nem general espartano. A voz macia era de um homem comum, sentado na direção de seu carro.” (ABREU, 2005, p. 86). Continuaram o percurso e Garcia indaga de Hermes se ele sentiu medo dele quando o pressionou no quartel:

Ficou com medo de mim?

Não sei. [...] Bom, no começo fiquei um pouco. Depois vi que o senhor estava do meu lado.

Senhor não: Garcia, abagualada toda me chama de Garcia. Luiz Garcia de Souza. Sargento Garcia. (ABREU, 2005, p. 86).

Percebemos nesse fragmento, que Garcia de desfaz da forma séria com que os recrutas o tratam, Hermes vai perdendo a timidez até o momento em que Garcia começa a falar que o viu de uma forma diferente dos outros, achando-o educado e gentil comparado aos demais e logo dá indícios de que quer levar Hermes para outro lugar que não seja sua casa.

Mas contigo é diferente.

Diferente como?

Assim, um moço fino, educado. Bonito [...] – Escuta, tu tem mesmo que ir embora já? (ABREU, 2005, p. 87).

Hermes responde que não, que pode demorar mais um pouco. Garcia pergunta para o rapaz se este não quer ir com ele a um lugar onde possam ficar mais à vontade e Hermes indaga sobre que lugar seria esse: “- Um lugar aí. Coisa fina. A gente pode ficar mais à vontade, sabe como é. Ninguém incomoda. Quer?” (ABREU, 2005, p. 88). Com a resposta de Garcia, Hermes entendeu a intenção real do sargento.



O jovem permanece calado, mas Garcia não precisa da afirmativa do garoto. O sargento fala: “Claro que quer. Estou vendo que tu não quer outra coisa, guri” (ABREU, 2005, p 88). Neste momento, o narrador Hermes nos mostra que não se assusta com a insinuação de Garcia e nos conta o que acontece dentro do carro, antes de chegarem ao destino em que o sargento o levará:

Pegou minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se quando toquei e inchou mais. Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas. (ABREU, 2005, p. 89).

Hermes tem um lapso de lembranças de quando na infância seus primos o chamavam de “maricão, mariquinha” (ABREU, 2005, p 89) e afirma para Garcia que nunca fizera aquilo.

O ápice da transa entre os dois acontece quando Garcia penetra Hermes, sendo assim o ativo da relação. O rapaz sente um certo incômodo quanto a penetração, embora goste. Chega a um determinado momento em que a dor é tamanha que não suporta e tenta afastar o sargento:

Com os joelhos, lento firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem. [...] Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Ele empurrou gemendo. Sem querer, imaginei uma lanterna rasgando a escuridão de uma caverna escondida. Mordeu minha nuca. Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim. (ABREU, 2005, p. 92).

Garcia parecia ter uma fome insaciável quando o chama de “- Seu puto [...] veadinho sujo” (ABREU, 2005, p. 92) e Hermes estava gostando da sensação de ter um pênis dentro de si. Foi então que o rapaz deitou-se novamente de bruços à espera de Garcia, que se jogou por cima e continuou a estimulá-lo mais ainda. O personagem-narrador conta que:

Comprimiu o corpo inteiro contra o meu. Eu podia sentir os pêlos molhados do peito dele melando a minha pele. Quis empurrá-lo outra vez, mas entre o pensamento e o gesto, ele juntou-se ainda mais a mim, e depois de um gemido mais fundo, e depois de um estremecimento no corpo inteiro, e



depois de um líquido grosso morno viscoso espalhou-se pela minha barriga.
(ABREU, 2005, p. 92).

Souza (2010) argumenta que há, na relação sexual entre dois homens, uma necessidade de domínio, de violência como forma de estimular e fazer sentir a ambos desejados e saciados. Utilizam-se “da agressão física, para firmar a masculinidade” (SOUSA, 2010, p. 93), talvez porque o desejo que sentem seja condenado pela sociedade, considerado como pecado e vivem em um meio em que a consumação carnal é rejeitada, daí os conflitos dos sujeitos pós-modernos: tem o direito de viver o desejo, mas sabem que este desejo é condenado pela maior parte da sociedade.

A falta de qualquer tipo de sentimento ou interesse de um pelo outro é tamanha que após o gozo de ambos, Garcia pega um rolo de papel higiênico para limpar o as partes íntima e Hermes apressadamente veste-se, olha para trás e a última visão que tem antes de sair do quarto, é o sargento Garcia limpando-se e sua farda verde jogada em cima de uma cadeira.

Considerações finais

Em busca de exibir a constituição da identidade do sujeito, a partir da análise dos contos de Caio Fernando Abreu em *Morangos Mofados*, fundamentados nos tipos de sujeito apresentados por Hall, chegamos à conclusão de que nenhum dos três tipos apontados pelo teórico possui caráter sólido e permanente, mas ao contrário, pois, independente da identidade com que o sujeito se identifique, ela se encontra em constante transformação.

Baseados nisso, chegamos à constatação, através da observação dos diálogos e descrições presentes nos contos de Caio Fernando Abreu, de que os personagens dos contos investigados esboçam as características típicas do sujeito pós-moderno, que está em constante mudança, portanto, em conflito. Em alguns desses contos, como vimos, há personagens que se apresentam aparentemente como sujeitos centrados, com características que os enquadram como sendo donos de si, decididos sobre o que desejam, mas, logo se desenrola a narrativa, estabelece-se o conflito.

Percebemos que esses mesmos personagens se modificam, tornando-se indivíduos cheios de dúvidas sobre seus desejos homoeróticos, sobre sua sexualidade e sobre como se



comportar diante do desejo pelos parceiros. Assim, a fragmentação da identidade é facilmente notável. Os personagens assumem diferentes características, demonstram desejos distintos em diferentes momentos.

Entender como tais indivíduos se comportam dentro da sociedade é importante para que se possa compreender como muitos sujeitos, de fato, se sentem e quais os conflitos que vivenciam. No caso particular dos sujeitos com inclinações homossexuais, essa identidade é fortemente influenciada pelo comportamento que apresentam pelo meio que os cerca e pela convivência com seus parceiros, como vimos nas narrativas em análise.

Verificamos ainda que há personagens nos contos que não apresentam tanta desfragmentação da identidade, mas um conflito com o *eu*, que por vezes se contradiz. Encontramos também, no caso específico de Garcia, do conto “Sargento Garcia”, um sujeito totalmente influenciado pelo desejo sexual, fazendo de Hermes seu objeto de prazer, que logo saciado, vai embora sem nenhum sentimento.

Concluimos ao final deste trabalho e a partir dos personagens de *Morangos Mofados*, que nenhum indivíduo é detentor de si em absoluto, mas que o meio externo, as pessoas com as quais se convive, o modo de ver o mundo, influenciam diretamente na constituição da nossa identidade.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. São Paulo: círculo do livro, 1986.
- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. tradução de Antonio Carlos Viana. — Porto Alegre: L&PM, 1987.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1973.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1985.
- HALL, Stuart. **A identidade do sujeito na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- PORTO, Luana Teixeira. **Fragmentos e diálogos: história e intertextualidade no conto de Caio Fernando Abreu**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.



SOUZA, Warley Matias de. **Literatura homoerótica**: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras.
Belo Horizonte: UFMG, 2010.